



A interação sintaxe-prosódia em usos de vírgula em esquema duplo: apontamentos para o ensino de pontuação

The syntax-prosody interplay in double comma usage: statements on punctuation teaching

Geovana Soncin*
Aline Rodrigues**

RESUMO: O objetivo deste artigo é identificar e descrever, por meio da interface entre sintaxe e prosódia, flutuações entre usos de vírgulas em esquema duplo em textos produzidos por alunos de 8º e 9º anos, etapa final do Ensino Fundamental brasileiro. Na análise, são feitas aproximações entre aspectos sintáticos e prosódicos que caracterizam esses usos e, a partir delas, fazemos considerações a respeito do ensino da pontuação, particularmente do emprego de vírgulas. Os resultados apontam, por um lado, um comportamento diferente de emprego de vírgulas em estruturas explicativas e estruturas adverbiais; por outro lado, eles apontam que determinadas estruturas sintáticas envolvidas no uso de vírgula em esquema duplo estão em relação estreita com determinados fatores prosódicos do Português Brasileiro, tais como a extensão de frases entoacionais e o acento mais proeminente desse constituinte prosódico. Considerando os resultados obtidos, argumentamos a favor da dimensão prosódica como parte integrante do processo de escrita, o que corrobora a

ABSTRACT: The purpose of this article is to identify and to describe, considering the interface between syntax and prosody, oscillations of double commas usage found in texts written by students from the eighth and ninth grades, the last grades of Brazilian Junior High School. In the analysis, we investigate possible relations between syntactic and prosodic boundaries and, from them, we discuss some teaching practices used on classes of punctuation, specifically on comma usage classes. According to the results, on the one hand, there is a difference among the ways how students use commas in explanatory and adverbials structures. On the other hand, the results show that some syntactic structures involved in double comma usage are related to a prosodic organization of Brazilian Portuguese, such as the extension of intonational phrases and the more prominent accent of this prosodic constituent. Considering the results, we argue that prosody plays a role in writing process, which corroborates the notions of constitutive heterogeneity of writing and

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); pesquisadora UNESP, São José do Rio Preto. geovanasoncin@gmail.com

** Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto. alinerodrigues@hotmail.com

concepção da constituição da escrita como heterogênea, bem como a concepção de multidimensionalidade dos sinais de pontuação.

multidimensional nature of punctuation marks.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Escrita. Pontuação. Sintaxe. Prosódia.

KEYWORDS: Literacy. Writing. Punctuation. Syntax. Prosody.

1. Introdução

O presente trabalho centra-se na descrição linguística de aspectos sintáticos e prosódicos envolvidos no emprego de vírgulas em textos de alunos do Ensino Fundamental brasileiro. Estudos realizados com dados de pontuação em textos de escreventes brasileiros em diferentes etapas de educação formal no Brasil (ver, a propósito: CORRÊA, 1994; CHACON, 1997, 1998, 2003; ESVAEL, 2005; SILVA E MORAIS, 2007; SILVA, 2010; ARAÚJO-CHIUCHI, 2012; SONCIN, 2013, 2014; SONCIN; TENANI, 2015, 2017), embora não sejam numerosos, têm feito apontamentos para uma mesma direção: a flutuação nos usos dos sinais de pontuação evidencia a complexidade linguística envolvida no ato de pontuar, complexidade essa geralmente não discutida e tematizada de modo produtor no ensino da pontuação, uma vez que ele é orientado privilegiadamente por uma matriz normativa.

Corrêa (1994), por exemplo, na análise de textos de vestibulandos (portanto, de alunos que já concluíram a educação básica brasileira), detecta o uso da vírgula como sendo o sinal de pontuação mais problemático para os escreventes. Partindo dessa observação, o autor aponta que parte desse “problema” se deve à crença de que a pontuação tem a função de dividir ou segmentar o texto escrito e, assim, pouco se considera que a pontuação, ao mesmo tempo em que divide, une, relaciona e congrega partes de um texto na busca pela construção de sentidos.

Por sua vez, trabalhos como Chacon (2003), Esvael (2005), Silva e Morais (2007), Silva (2010) e Soncin (2013), com base em amostras de diferentes etapas de escolarização, demonstram, por meio de suas análises, o quanto o uso dos sinais de

pontuação atende a aspectos textuais e enunciativos envolvidos no processo de escrita, aspectos esses que envolvem questões relativas a gêneros textuais/discursivos, à relação dialógica entre escrevente e leitor, à relação entre o texto produzido e as instruções dadas em sala de aula com base em uma proposta temática de produção textual. Há ainda os trabalhos de Chacon (1997), Araújo-Chiuchi (2012), Soncin (2014) e Soncin e Tenani (2015; 2017), que discutem a faceta prosódica dos sinais de pontuação e o quanto essa constituição prosódica – marca de um processo histórico de constituição dos sinais de pontuação – interage com as demais dimensões linguísticas no ato de pontuar.

Esses trabalhos, em conjunto, ao enfatizarem a multidimensionalidade dos sinais de pontuação, distanciam-se, conseqüentemente, de uma abordagem fundada na normatividade sintática. Nesse contexto teórico-analítico sobre a pontuação, o presente artigo se soma aos trabalhos anteriormente mencionados para descrever, alicerçado em um conjunto específico de dados, a relação de interface entre aspectos sintáticos e prosódicos da pontuação. Particularmente, são analisados usos de vírgula em esquema duplo em textos de alunos das últimas séries do Ensino Fundamental II de uma escola pública do estado de São Paulo. Ao apresentarmos a descrição sintática e prosódica desses usos, procuramos indicar tendências observadas por meio das regularidades dos dados a fim de fazer apontamentos sobre o ensino da pontuação.

Caracterizam-se como usos de vírgula em esquema duplo todos os casos em que, segundo a convenção gramatical, a vírgula deve ser empregada em duas posições: antes e depois de determinadas estruturas sintáticas, como a expressão destacada em “*Maria, minha irmã mais velha, graduou-se em Psicologia*”. Segundo Dahlet (2006), o chamado uso de vírgula em esquema duplo delimita uma sequência de estruturas sintaticamente hierarquizadas, também conhecidas como estruturas desligadas, as quais têm como principal característica a mobilidade, uma vez que essas estruturas

não têm posição fixa na sentença por não fazer parte da estrutura argumental ou por estar fora de sua posição canônica.

Com base na elucidação da autora, entendemos que a vírgula utilizada nas duas posições sinaliza, na superfície textual, os processos de alteração de ordem de sentenças ou de inserção de novas estruturas numa dada sequência linguística, processos esses que acontecem não de maneira gratuita, mas por exigências textuais e/ou enunciativas do texto que se produz. Desse modo, salientamos que o privilégio dado à sintaxe e à prosódia na análise de dados do presente texto é um recorte metodológico, uma vez que consideramos a pontuação como dotada por uma multidimensionalidade, como propõe Chacon (1998). Assim, embora tratemos de sintaxe e prosódia – em interface uma com a outra – na análise de dados, concebemos que a pontuação é também constituída pelas dimensões textual e enunciativa e que, portanto, as estruturas mobilizadas prescindem de instanciações textuais e enunciativas.

A fim de desenvolver essa proposta analítica, organizamos o presente artigo em três partes. Na primeira, elencamos os principais conceitos teóricos norteadores deste trabalho e a perspectiva que assumimos para o tratamento da pontuação. Na segunda, por sua vez, descrevemos o material de análise e detalhamos os procedimentos metodológicos adotados. Na terceira, por fim, apresentamos os resultados em dois momentos: num primeiro, são apresentadas e discutidas as regularidades sintáticas observadas; num segundo momento, são apresentadas as regularidades prosódicas, o modo como efetuamos essa análise e, por fim, os aspectos prosódicos são relacionados com os aspectos sintáticos anteriormente descritos.

Com o presente artigo, acreditamos contribuir não apenas com o campo dos estudos linguísticos sobre pontuação como também com o campo aplicado voltado ao ensino de Língua Portuguesa por meio dos apontamentos que fazemos sobre o ensino da pontuação.

2. Pressupostos teóricos: uma perspectiva heterogênea e multidimensional para o tratamento da pontuação

Trabalhos que já versaram sobre a escrita, sobre a pontuação e sobre a relação entre fala e escrita, oralidade e letramento constituíram diretrizes teóricas para o desenvolvimento do presente artigo.

Junto a Corrêa (2004), assumimos, neste trabalho, a escrita como modo de enunciação e, portanto, como uma das maneiras possíveis de usar a língua para a produção de enunciados. Entendida como tal, a escrita é um espaço enunciativo no qual o sujeito se manifesta e, junto com ele, manifestam-se variadas práticas sociais que caracterizam sua história como sujeito na linguagem, sejam elas orais/faladas ou letradas/escritas. Essa manifestação ocorre na materialidade escrita por meio de marcas que denunciam o trânsito do escrevente pelas diferentes práticas de linguagem, as quais são índices da natureza heterogênea e processual da escrita. Desse modo, com Corrêa (2004), entendemos que, durante o processo enunciativo da escrita, o sujeito escrevente constrói imagens sobre o ato de escrever e toma como ponto de referência sua própria história enquanto sujeito da linguagem, que se traduz como sua inserção em diversas práticas de linguagens, inclusive as orais, mas não somente elas.

Nessa perspectiva, do ponto de vista da heterogeneidade e do processo enunciativo, a escrita se define como o encontro entre o oral/falado e o letrado/escrito. Com base na proposta de Corrêa (2004), ao utilizarmos as barras nessa terminologia, procuramos marcar a indissociabilidade entre fato linguístico (falado ou escrito) e prática social (oral ou letrada). Ou seja, assumimos, com o autor, que todo fato linguístico, tanto falado quanto escrito, está inserido em práticas sociais orais ou letradas e, portanto, não há uma dissociação entre fato linguístico e prática social, mas, sim, uma relação de constituição mútua. Nessa perspectiva, não haveria uma modalidade linguística – fala ou escrita – que seria anterior a uma realidade e uma demanda social. Por isso, descartamos a suposta ideia de pureza da escrita, a qual conceberia a escrita como um código imutável e autônomo que se sobreporia aos usos

por seus falantes/escreventes. Ao contrário, entendemos que todo uso da escrita é realizado por um sujeito inserido *em* e constituído *por* linguagem nas diferentes práticas sociais. Desse modo, a escrita carrega em si as relações que esse sujeito estabelece entre os fatos linguísticos e as práticas sociais, ou seja, entre oral/falado e letrado/escrito. Sob essa perspectiva, interpretamos que as vírgulas encontradas nos textos são marcas do processo heterogêneo de constituição da escrita, definidas em função da relação indissociável entre práticas orais/faladas e letradas/escritas que constitui o sujeito que escreve.

Associada a essa perspectiva heterogênea e processual da escrita, no que diz respeito aos sinais de pontuação, assumimos a proposta teórica de Chacon (1998), que valoriza a ideia de que os sinais de pontuação atribuem à escrita um ritmo próprio, o qual é constituído pela relação entre unidades que delimitam diversas dimensões da linguagem simultaneamente. Assim, o ritmo da escrita se define em função da inter-relação entre unidades linguísticas que podem ser reconhecidas dos pontos de vista prosódico, textual, sintático e enunciativo. Cabe aos sinais de pontuação, então, marcar na escrita a delimitação e o movimento de agregação que se faz entre essas unidades, construindo, portanto, um todo textual constituído de unidades multidimensionais. Nesse sentido, entendemos, neste trabalho, que o uso da vírgula correlaciona as dimensões prosódica, textual, sintática e enunciativa.

Dentre essas dimensões, como procuramos apresentar na introdução, a dimensão prosódica, correlacionada à dimensão sintática, é tematizada no presente artigo. Desse modo, no que diz respeito ao modo como a prosódia se relaciona com o emprego de vírgulas, entendemos que os usos de vírgula são marcas de um processo prosódico-enunciativo na constituição dos enunciados escritos e que se mostram na superfície material verbal escrita. Para tanto, baseamo-nos em proposta teórica apresentada em trabalho anterior (SONCIN, 2014), que se dedicou a discutir a complexidade linguístico-discursiva do emprego de vírgula no Português Brasileiro.

Segundo tal proposta, a vírgula “delimita unidades prosódicas que compõem significativa e formalmente a escrita” (SONCIN, 2014, p. 150). Assim, a organização prosódica de uma língua (do português no caso em questão) é considerada parte constitutiva de qualquer produção linguística, não se restringindo apenas à fala. De acordo com essa perspectiva, diferentemente de uma visão clássica que costuma salientar a atuação da prosódia em dados de fala, compreende-se que aspectos prosódicos também atuam no modo de enunciação escrito e que o uso de vírgulas é uma das marcas que evidenciam a constituição prosódica subjacente à escrita. Na relação que estabelece com as vírgulas – não necessariamente de espelhamento, vale ressaltar –, a prosódia desempenha papel na produção de sentidos dos enunciados escritos, não sendo um aspecto acessório, tendo em vista que, por meio do reconhecimento da base prosódica, é possível “atender ou quebrar expectativas, suprir as necessidades de ênfase, organizar o discurso em tópicos e comentários, indicar a continuidade, a suspensão ou o encerramento do dizer [...]” (SONCIN, 2014, p. 32). Tem-se, pois, que, por meio da análise da relação entre prosódia e pontuação, conforme defende o referido trabalho, compreendem-se muitas das flutuações observadas em textos de estudantes, permitindo verificar não apenas a complexidade linguística envolvida nesses usos como também a atuação da pontuação na produção de sentidos nos enunciados escritos em contexto escolar.

Feita a apresentação da perspectiva por intermédio da qual concebemos a pontuação e os usos de vírgula, damos mais detalhes sobre o que chamamos aqui de uso de vírgula em esquema duplo. A nomenclatura e a divisão do emprego de vírgula em *uso de vírgula em esquema simples* e *uso de vírgula em esquema duplo* é feita em Dahlet (2006). A autora define o uso de vírgula em esquema duplo a partir do conceito de hierarquização. De acordo com Dahlet (2006), as vírgulas em esquema duplo exercem função de hierarquização, pois colocam em espera (em *stand by*) um ou vários elementos em razão do não fechamento do sentido (cf. DAHLET, 2006, p. 152). Essas

estruturas hierarquizadas podem apresentar nomes distintos de acordo com a nomenclatura sintática, porém, em relação ao seu funcionamento, as estruturas delimitadas por vírgula em esquema duplo envolvem estruturas de dois tipos: a anteposição e a estrutura desligada. Segundo a autora, ambas têm em comum a característica de adiar a completude sintático-semântica. Por oposição, o uso de vírgula em esquema simples exerce função de segmentação, pois delimita elementos de função equivalente e, portanto, envolve estruturas de tipos diferentes daqueles mobilizados pelo esquema duplo.

Como afirmamos na introdução do presente artigo, centramos nossa análise no uso de vírgulas em esquema duplo. Desse modo, na amostra analisada, os dados de vírgula levantados atendem à definição de esquema duplo apresentada por Dahlet (2006).

Feitas essas considerações, antes de passarmos à análise, na qual os conceitos aqui expostos são mobilizados, apresentamos os procedimentos metodológicos que nos permitiram levantar e organizar os dados de vírgula em esquema duplo nos textos de alunos do Ensino Fundamental. Vamos a eles.

3. Material e método

Os usos de vírgula em esquema duplo analisados foram levantados no conjunto de 100 textos escritos pertencentes à amostra longitudinal do *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II*, organizado a partir do projeto de extensão universitária intitulado *Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual*, realizado em uma escola estadual localizada na cidade de São José do Rio Preto, na região noroeste do estado de São Paulo. O projeto de extensão mencionado foi realizado no período de 2008 a 2011 pela Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto.

O banco de dados conta com mais de cinco mil textos produzidos por alunos dos quatro anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental: 6º, 7º, 8º e 9º. Como critério

de seleção da amostra analisada, foram selecionados textos produzidos por alunos de 8º e 9º anos, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades previsto para esses anos escolares nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Para o ciclo final do Ensino Fundamental, segundo o referido documento, espera-se que os alunos desenvolvam meios para dominar a linguagem em sua modalidade escrita e que, para isso, tenham condições de empregar os sinais de pontuação em contextos de relações de coordenação e de subordinação por meio, majoritariamente, da produção de textos argumentativos. Considerando que, para o emprego de vírgula em esquema duplo, o conceito de hierarquização remonta a aspectos de subordinação, previstos para serem trabalhos nessa etapa escolar segundo a orientação do referido documento, fica justificada a seleção dos dois anos finais desse ciclo escolar como material de análise.

Para a seleção dos 100 textos, consideramos sujeitos que atenderam aos seguintes critérios: (i) que tivessem participado do projeto durante os quatro anos de realização, e (ii) que tivessem produzido as propostas de produção textual detalhadas no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Propostas temáticas por ano/série que constituíram o material de análise.

Ano	7ª série/8º ano		8ª série/9º ano	
Gênero	Relato de experiência	Carta argumentativa	Narrativa de ficção	Artigo de opinião
Proposta Temática	Envolvimento afetivo sem compromisso	Presentes de Natal	Aventura em terra distante	Proibição do fumo em locais públicos

Fonte: elaborado pelas autoras.

A fim de totalizar um conjunto de 100 textos baseados nas quatro propostas selecionadas, foram sorteados aleatoriamente 25 sujeitos de uma lista total formada pelos sujeitos que atenderam aos critérios estabelecidos. Dessa forma, a amostra analisada é formada por textos de 4 diferentes gêneros textuais/discursivos produzidos por 25 sujeitos nos anos de 2010 e 2011, nos respectivos 8º e 9º anos ($4 \times 25 = 100$).

A fim de realizar o levantamento dos dados, tomamos como referência as normas apresentadas pela *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2011). A partir delas, foram identificadas as estruturas sintáticas que demandam o emprego de vírgula em esquema duplo do ponto de vista da convenção. Salientamos que a gramática selecionada serviu como referência para a identificação de estruturas que, segundo as normas, requerem o emprego de vírgulas em esquema duplo, mas não teve como função orientar a análise empreendida. Como ficará demonstrado na análise, partimos da organização oferecida por essas normas para discuti-las com base em funcionamentos linguísticos, especificamente de âmbito sintático e prosódico.

Considerando as normas elencadas por essa gramática, os usos de vírgula em esquema duplo encontrados na amostra foram organizados em quatro categorias, tendo em vista a flutuação que apresentavam em relação à orientação gramatical. Assim, considerando a presença ou a ausência da vírgula nas duas posições possíveis para seu emprego, chegamos a quatro categorias assim nomeadas: (i) **Presença-Presença**, quando se emprega vírgula nas duas posições previstas pela convenção; (ii) **Presença-Ausência**, quando se emprega vírgula apenas na primeira posição; (iii) **Ausência-Presença**, quando a vírgula é empregada apenas na segunda posição; (iv) **Ausência-Ausência**, quando não é empregada nenhuma das vírgulas previstas.

As ocorrências (1), (2), (3) e (4) exemplificam, respectivamente, as quatro categorias de uso (i), (ii), (iii) e (iv), consideradas neste trabalho (as expressões destacadas em itálico referem-se àquelas que, de acordo com a convenção, requerem uso de vírgula em esquema duplo):

(1) disse que era tio dela, *irmão de seu pai*, a reconheceu por uma foto de quando era piquena (Z11_8C_28F_04_16)

(2) Sosinha no quarto, *olhando umas fotos* encontrou uma carta (Z11_8C_28F_04_22)

(3) acolhida por Claudia, que *por conhecidencia*, dava aula de dança (Z11_8C_28F_04_43)

(4) para *no dia seguinte* ir conhecer os integrantes (Z11_8C_28F_04_19-20)

No que tange à forma de análise dos dados deste trabalho, foram realizados procedimentos quantitativos e qualitativos simultaneamente. A análise quantitativa permitiu sistematizar regularidades observadas e mostrar, por um lado, do ponto de vista sintático: (i) quais categorias de usos de vírgula em esquema duplo foram mais ou menos frequentes nos textos; (ii) quais estruturas sintáticas mobilizadas foram mais ou menos frequentes nos usos de vírgula em esquema duplo; por outro lado, do ponto de vista prosódico: (iii) em que medida, os constituintes prosódicos formados em contexto de uso de vírgula se relacionam com as estruturas sintáticas envolvidas, especialmente por meio da extensão desses constituintes. A análise qualitativa, por sua vez, possibilitou desenvolver interpretações acerca das tendências observadas, que relacionaram prosódia, estruturas sintáticas e emprego de vírgulas, corroborando a heterogeneidade e a multidimensionalidade envolvidas no emprego desse sinal de pontuação.

4. Resultados

Para fins de organização, apresentamos os resultados em duas partes. Na primeira (4.1), mostramos os principais resultados referentes à descrição das categorias de uso de vírgula em esquema duplo e às tendências sintáticas observadas quanto à convencionalidade desses usos. Na segunda (4.2), mostramos regularidades prosódicas encontradas nos usos de vírgula em esquema duplo e, atendendo ao principal objetivo deste trabalho, elencamos relações observadas entre as estruturas sintáticas mobilizadas e a organização prosódica dos enunciados.

4.1. Vírgula em esquema duplo: categorias de uso e descrição sintática

No conjunto de 100 textos que constituíram o *corpus*, foi analisado um total de 288 dados que envolveram ou envolveriam o emprego duplo de vírgulas. A Tabela 1, a seguir, apresenta quantitativamente os dados organizados em quatro

categorias, tendo em vista as possibilidades de emprego da vírgula nas duas posições que caracterizam o emprego de vírgula em esquema duplo, devido às estruturas sintáticas envolvidas. Conforme descrito anteriormente, são elas: (i) **presença-presença**; (ii) **presença-ausência**; (iii) **ausência-presença**; (iv) e **ausência-ausência**.

A Tabela 1 apresenta também a tendência de uso no que se refere à convencionalidade do emprego de vírgula em esquema duplo nos anos finais do Ensino Fundamental.

Tabela 1 – Categorias e convencionalidade dos usos de vírgula em esquema duplo.

Categoria	Percentual	Convencionalidade	Percentual
Ausência – Ausência	175 (60,8 %)	Não-convencional	253 (87,8%)
Ausência – Presença	42 (14,5%)		
Presença – Ausência	36 (12,5%)		
Presença – Presença	35 (12,2 %)	Convencional	35 (12,2%)
Total	288 (100 %)	Total	288 (100%)

Fonte: elaborada pelas autoras.

Por meio da Tabela 1, nota-se que, dentre as categorias de uso de vírgula em esquema duplo, a categoria Ausência-Ausência é a categoria mais frequente no conjunto da amostra analisada: corresponde a 60,8% dos dados, apresentando ampla margem de distância em relação às demais, que não obtiveram mais do que 15%. A partir desse resultado, observa-se na amostra analisada que, em geral, os alunos de 8º e 9º ano, último ciclo do Ensino Fundamental, tendem a não empregar vírgulas em estruturas que demandam seu uso duplo, o que pode indicar que os alunos do fim desse ciclo escolar não reconhecem a necessidade de pontuar com vírgulas estruturas sintáticas que se configuram no âmbito da hierarquização sintática, conforme a caracterização de Dahlet (2006). Em outras palavras, esse resultado indica que, de modo geral, estruturas hierarquizadas tendem a não ser assinaladas pela pontuação, o

que pode indicar o não reconhecimento de quebras sintáticas no eixo sintagmático e, conseqüentemente, da sua relevância semântica para a organização do texto em diferentes planos.

No que tange à convencionalidade, a Tabela 1 permite observar que, dentre as quatro categorias analisadas, apenas a categoria Presença-Presença é considerada convencional. Não obstante, essa é a categoria que apresentou o menor percentual de ocorrência. Como resultado, verifica-se que as estruturas sintáticas que exigem o emprego de vírgula em esquema duplo favorecem mais usos não-convencionais do que usos convencionais nos textos dessa etapa escolar, haja vista a soma dos percentuais das três categorias não-convencionais (87,8%) em contraste com o percentual da única categoria considerada convencional (12,2%). Dessa relação, conclui-se que, no que tange ao emprego de vírgula em esquema duplo, com base na amostra analisada, os alunos que encerram o Ensino Fundamental tendem a não atender à convenção.

Interessantemente, esse resultado se contrapõe aos resultados referentes aos usos de vírgula em esquema simples, isto é, os casos em que a convenção prevê o uso da vírgula em apenas uma posição em função das estruturas sintáticas envolvidas: estruturas com função sintática equivalente. Segundo Soncin (2010), os usos de vírgula em esquema simples são privilegiadamente convencionais para etapa escolar semelhante (9º ano): 61,1% de uso convencional em contraposição a 38,9% de uso não-convencional. O mesmo resultado foi observado por Borges (2016) na análise do emprego de vírgula em amostra longitudinal nos quatro anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental (6º a 9º ano): no caso da vírgula em esquema simples, os usos convencionais são privilegiadamente mais frequentes em relação aos não-convencionais (considerando a soma das séries, a relação é igual a 81,5% para os usos convencionais e 18,5% para os usos não-convencionais).

Em relação a essa diferença observada entre a convencionalidade dos usos de vírgula em esquema simples e a dos usos de vírgula em esquema duplo, faz-se necessário enfatizar suas diferenças e, por consequência, a complexidade que singulariza o uso de vírgula em esquema duplo. Os usos de vírgula em esquema duplo e os usos em esquema simples não se diferem apenas pela estrutura e pela(s) posição(ões) em que a vírgula é empregada, pois também há diferenças na função exercida pelas vírgulas no contexto das estruturas sintáticas envolvidas. Como apresentado anteriormente, segundo Dahlet (2006), as vírgulas em esquema duplo exercem função de hierarquização, enquanto as vírgulas em esquema simples, por sua vez, exercem função de segmentação.

Do ponto de vista da descrição sintática, a diferença entre as vírgulas em esquema duplo e as vírgulas em esquema simples pode ser caracterizada pela diferença entre coordenação e subordinação de termos no interior de uma sentença ou na própria relação entre sentenças, ao que seria chamado, do ponto de vista da sintaxe descritiva, de parataxe e hipotaxe. A Tabela 1, portanto, permite fazer duas interpretações importantes sobre o emprego de vírgula na conclusão do Ensino Fundamental: (i) o alto percentual da categoria Ausência-Ausência mostra uma tendência a não reconhecer as estruturas que demandam o emprego da vírgula em esquema duplo; (ii) o maior percentual de usos não-convencionais para os casos de vírgula em esquema duplo, em contraste com os casos de vírgula em esquema simples, evidencia a relação “problemática” que os escreventes estabelecem com a função de hierarquização ou de subordinação que caracteriza o emprego de vírgula em esquema duplo. Antes de aprofundarmos uma discussão com base nesses dois apontamentos, vejamos o que os dados mostram quando são consideradas as quatro categorias de uso de vírgula em função do tipo de estrutura sintática. Essa relação é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2 – Percentuais de emprego de vírgula em diferentes estruturas sintáticas.

Estrutura sintática	Percentual Geral	Percentual por categoria			
		AA	AP	PA	PP
Oração adverbial deslocada	116 (40,3%)	60%	17,4%	12,1%	10,5%
Adjunto adverbial deslocado	89 (31%)	70,8%	11,2%	15,8%	2,2%
Aposto ou elemento explicativo	19 (6,6%)	36,8%	0%	5,3%	57,9%
Elemento extraoracional	18 (6,2%)	75%	12,6%	6,2%	6,2%
Conjunção intercalada	15 (5,2%)	89%	11%	0%	0%
Vocativo	13 (4,5%)	46,2%	30,7%	23,1%	0%
Oração adjetiva explicativa	12 (4,2%)	41,7%	25%	0%	33,3%
Oração intercalada	6 (2%)	0%	16,6%	0%	83,4%
Total de ocorrências	288 (100%)	175	42	36	35

Fonte: elaborada pelas autoras.

Na Tabela 2, a coluna destinada ao percentual geral permite verificar que, na amostra analisada, dentre as estruturas sintáticas que envolvem o emprego de vírgula em esquema duplo, as estruturas mais frequentes encontradas foram estruturas que envolvem elementos adverbiais, sejam eles orações (40,3%), sejam adjuntos (31%). Ambas somaram 205 ocorrências, o que corresponde a 71,3% (40,3% + 31%) do conjunto geral dos dados.

Ainda na Tabela 2, a leitura das colunas destinadas ao percentual de ocorrências por categoria de emprego de vírgula permite observar algumas tendências sobre a relação entre essas categorias e a estrutura sintática, embora a flutuação entre elas predomine para as diferentes estruturas sintáticas.

A primeira tendência observada diz respeito à predominância de Ausência-Ausência tanto para as orações adverbiais deslocadas (60%) quanto para os adjuntos adverbiais deslocados (70,8%). Soma-se a esse resultado o fato de que essas estruturas sintáticas são aquelas mais frequentes no *corpus* (116 + 89 = 205/288 – 71,3% do total). Tem-se, portanto, que as recorrentes estruturas adverbiais deslocadas tendem a não ser sinalizadas por nenhuma das vírgulas do esquema duplo nos textos de alunos que encerram o Ensino Fundamental, como mostram os exemplos (5) e (6).

- (5) Então *se as pessoas não tem o respeito* eu acho que a proibição deve ser rígida (Z11_8B_24F_06_20-21)
(6) Ana *naquela mesma noite* comesou a gritar (Z11_8C_28F_04_35)

A segunda tendência observada diz respeito à ausência de vírgulas duplas no isolamento de elementos extraoracionais e de conjunções. Em ambas as estruturas sintáticas, houve também predominância de Ausência-Ausência, embora, em termos de recorrência no *corpus*, essas estruturas não sejam tão frequentes quanto as estruturas adverbiais. De todo modo, o alto percentual de Ausência-Ausência para os elementos extraoracionais (75%) e para as conjunções intercaladas (89%) mostra um comportamento similar de não serem sinalizadas por vírgula nos textos dos alunos que encerram o Ensino Fundamental. Os exemplos (7) e (8) mostram ocorrências de Ausência-Ausência nessas duas últimas estruturas descritas.

- (7) Mas *olha* se não der certo de comprar tudo bem, eu continuo com o meu velhinho mesmo (Z10_7A_33F_06_11)
(8) Soube *então* que o presidente dessa cidadezinha distante tinha mania de medico (Z11_8C_52M_04_09)

Em direção contrária, no entanto, verifica-se o emprego de vírgulas em apostos e elementos explicativos. O percentual de 57,9% de emprego das duas vírgulas requeridas pela convenção (categoria Presença-Presença) indica que, em alguma medida, há o reconhecimento da hierarquização causada por estruturas explicativas e, conseqüentemente, da necessidade do emprego de vírgula em esquema duplo para sinalizar o desnivelamento que essa estrutura causa quando aparece no eixo sintagmático. Os exemplos (9) e (10) apresentam ocorrências de Presença-Presença em aposto e elemento explicativo, respectivamente.

- (9) Notou que era Hortiz, *o maior bandido da cidade*, que havia acabado de sair da masmorra (Z11_8B_62F_04_15-16)
(10) disse que era tio dela, *irmão de seu pai*, a reconheceu por uma foto de quando era piquena (Z11_8C_28F_04_16)

Particularmente em relação a esse resultado, fazemos um parêntese para indicar uma observação relevante. Não seria equivocado atribuir a tendência de empregar vírgulas nos casos de aposto e estruturas explicativas à norma de emprego de vírgula em estruturas apositivas. Trata-se de uma das normas mais “estáveis” de emprego de vírgula, tendo em vista que a fluidez é uma característica da própria convenção que rege o emprego desse sinal de pontuação, tanto no que diz respeito aos tipos de estruturas em que a vírgula deve ser empregada quanto nas condições específicas de emprego (por exemplo, o fato de o emprego de vírgula ser facultativo ou obrigatório). O que procuramos sugerir é a ideia de que, apesar dessa instabilidade no interior das próprias normas, a orientação de emprego de vírgula no caso do aposto parece tender ao categórico, ou seja, não é uma regra com variações e não depende da posição da estrutura sintática em questão no interior da sentença, como é o caso dos adverbiais que recebem vírgulas apenas quando estão deslocados da posição canônica da sentença. É provável, justamente por essa questão, que a recomendação de vírgula em estruturas apositivas seja, em geral, tão enfatizada pelos professores em contexto escolar. Interpretamos, portanto, que o percentual de 57,9% da categoria Presença-Presença em casos de aposto e elementos explicativos indica que os alunos que encerram o Ensino Fundamental tendem a identificar os elementos apositivos como requerentes de vírgula em função: (i) do reconhecimento do que seja uma estrutura apositiva/explicativa e (ii) do discurso produzido em ambiente escolar sobre a recomendação de como empregar vírgulas nos casos de aposto.

Para além das estruturas apositivas, o caso das estruturas explicativas merece ainda destaque na leitura da Tabela 2. A presença de vírgula em orações adjetivas explicativas, ao menos em uma das posições, foi mais recorrente do que a ausência total de vírgulas. Para tanto, observamos na Tabela 2 que, embora o percentual da categoria Presença-Presença não tenha sido o maior para essa estrutura sintática (33,3%), a soma dele com o percentual da categoria Ausência-Presença (25%) totaliza

58,3% e supera o percentual da categoria Ausência-Ausência (45%). Desse modo, entre empregar a vírgula (de algum modo, uma apenas ou ambas) ou não empregar, tende-se a empregá-la. Ou seja, mesmo que o emprego não ocorra conforme as exigências da convenção, a presença da vírgula, embora com oscilação entre as categorias, é um índice de que, em geral, há o reconhecimento de sinalizar a hierarquização da estrutura explicativa. Assim, por outro viés, observamos também por meio das orações adjetivas explicativas o que chamamos atenção em relação ao aposto: os escreventes reconhecem que tais estruturas explicativas requerem o emprego da vírgula em esquema duplo para sinalizar na escrita alguma diferença no que tange à estruturação do enunciado.

Para fins de exemplificação, em (11) e (12) apresentam-se ocorrências de Presença-Presença e Ausência-Presença, respectivamente, em orações adjetivas explicativas.

(11) deixou por conta dele plantar e plantou batata, *que é na terra*, então o homem colheu a parte de cima (Z11_8B_39F_04_18-19)

(12) Com a lei antifumo *que foi estabelecida em 2009*, a qualidade de vida dos paulistanos melhorar (Z11_8B_62F_06_09)

Considerando, pois, os resultados do emprego de vírgula em esquema duplo pela comparação entre estruturas adverbiais e estruturas explicativas (os dois grupos mais recorrentes, juntos eles correspondem a 82,1% do *corpus*), interpretamos que, em termos qualitativos, as diferenças percentuais observadas entre as categorias de uso de vírgula para as estruturas que envolvem elementos adverbiais e elementos explicativos parecem indicar relações diferentes no que tange ao emprego da vírgula para os sujeitos escreventes que encerram o Ensino Fundamental. Os sujeitos, em geral, reconhecem as estruturas explicativas como estruturas que demandam o emprego de vírgula, enquanto o mesmo não ocorre com as estruturas adverbiais deslocadas. Esses resultados dão indícios de que, do ponto de vista sintático, o deslocamento de um elemento adverbial de sua posição canônica da sentença em Português é um tema a

ser melhor explorado no ensino de pontuação, pois o alto percentual de ausência total de vírgula nessas estruturas deslocadas mostra que não se reconhece a hierarquização nesses casos como ocorre mais facilmente nas estruturas explicativas, geralmente tematizadas pelos professores no contexto escolar como estruturas candidatas ao emprego de vírgula.

Nesse ponto do texto, fazemos uma menção ao quanto o ensino de pontuação continua baseado mais em regras do que no funcionamento linguístico das estruturas mobilizadas. A relação assimétrica observada em vírgulas empregadas em estruturas explicativas e estruturas adverbiais evidencia que não são discutidas ou problematizadas as estruturas pontuadas e o papel que a vírgula exerce nos enunciados, mas sim são reiteradas as regras, especialmente as categóricas, como no caso de aposto e de adjetivas explicativas. Ocorre, no entanto, como sabemos, que, além de a regra sem reflexão geralmente não surtir efeito, permanece certo desentendimento sobre o que seja pontuar, pois os usos não são problematizados em sua complexidade linguística. Além disso, nem todos os usos podem ser apreendidos unicamente pelas regras, como é o caso dos adverbiais, já que elas flutuam e não são categóricas. Entram em jogo questões de ordenamento, topicalidade, ênfase, entre outras, além dos sentidos mobilizados no texto que se produz.

Voltemos à descrição dos usos. Embora os principais resultados apresentados na Tabela 2 já tenham sido discutidos, fazemos mais duas observações: uma referente ao emprego de vírgula nas orações intercaladas e uma sobre o uso em vocativos, estruturas sobre as quais fazemos interpretações a respeito do emprego de vírgulas, mas, devido ao número restrito de dados, ficam à espera de uma investigação baseada em amostra mais representativa quantitativamente.

Os dados referentes à oração intercalada na Tabela 2 mostram que a categoria Presença-Presença foi preponderante nessa estrutura sintática (83,4%). Notamos uma particularidade em relação ao emprego de vírgulas nessa estrutura: a abrupta quebra

sintática e semântica proporcionada pela oração intercalada no enunciado pode funcionar como indício de que a oração inserida causa uma ruptura no eixo sintagmático a que pertence, favorecendo, assim, o emprego de vírgula. A ocorrência apresentada em (13) é um exemplo de oração intercalada em que a aparente não relação entre as partes é aqui interpretada como motivadora para o emprego de vírgulas em esquema duplo.

(13) Na madrugada do 2º dia, *converça vai converça vem*, acabaram ficando
(Z11_8A_08F_04_07-08)

Por sua vez, o vocativo foi a estrutura sintática que apresentou uma distribuição equilibrada entre três categorias, fato que não permitiu interpretar se haveria tendência entre não pontuar ou pontuar com, ao menos, uma vírgula. Chamou atenção, no entanto, não terem sido encontradas ocorrências da categoria Presença-Presença na amostra analisada. A seguir (14), (15) e (16) são exemplos das três categorias de emprego de vírgula em esquema duplo em contexto de vocativo.

(14) e *mãe* quando você for comprar á minha guitarra não se esqueça não vai ser uma perca de tempo (Z10_7C_69F_06_06)

(15) nesse natal eu gostaria de ganhar meu computador por que sabe *mãe*, aquele notebook ja ta muito velhinho (Z10_7A_33F_06_05)

(16) e tudo de bom que ha no mundo, *mãe* te amo (Z10_7A_02M_06_20)

Feitas as considerações sobre a descrição sintática dos usos de vírgula em esquema duplo na amostra analisada, passamos na próxima seção a apresentar os aspectos prosódicos que os caracterizam. Na caracterização que fazemos, no entanto, retomamos continuamente as estruturas sintáticas e as categorias de uso aqui apresentadas de modo a mostrar como descrição sintática e prosódica estão em interface e constituem simultaneamente a pontuação.

4.2 Vírgula em esquema duplo: descrição prosódica

Para a descrição prosódica dos dados de vírgula em esquema duplo, assumimos, como referência para análise, proposições teóricas advindas do Modelo de Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986, 2007).

Segundo Nespor e Vogel (1986, 2007), a organização prosódica de uma língua se define em função de sete diferentes constituintes prosódicos, que se relacionam hierarquicamente. São eles, do menor para o maior: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. Segundo esse modelo teórico, a formação de constituintes prosódicos prescinde da identificação de estruturas sintáticas, embora não exista isomorfia entre constituinte prosódico e constituinte sintático. Desse modo, o modelo de fonologia prosódica assegura a previsibilidade de constituintes prosódicos a partir da estrutura sintática de uma língua e estabelece critérios para tanto.

Dentre esses constituintes prosódicos, interessa-nos a frase entoacional para a descrição prosódica que compete aos usos de vírgula em esquema duplo. Do ponto de vista prosódico, as estruturas delimitadas pelo uso de vírgula em esquema duplo podem se configurar como frases entoacionais, pois tal constituinte prosódico, no referido modelo de interface sintaxe-fonologia, é formado a partir de determinadas estruturas sintáticas, a saber: (i) quaisquer sentenças raiz, (ii) elementos não-anexáveis à estrutura da sentença raiz e (iii) elementos remanescentes de uma sentença raiz interrompida por elemento(s) anexado(s) a ela (ver NESPOR; VOGEL, 1986, p. 189).

A fim de explicitarmos a relevância da frase entoacional para a análise dos dados, consideremos a descrição apresentada em (ii), segundo a qual uma frase entoacional se forma a partir de “elementos não-anexáveis à estrutura da sentença raiz”. Tal descrição diz respeito a estruturas consideradas extraoracionais por não ocuparem posição argumental na sentença, tendo em vista sua relativa independência sintática em relação à sentença principal. Dada essa natureza, essas estruturas não têm posição fixa na sentença e podem ser deslocadas. Considerando essas características, do ponto de vista analítico,

todas as estruturas sintáticas que descrevemos na seção anterior e que requerem, do ponto de vista da convenção, o emprego de vírgula em esquema duplo são englobadas sob o título de “elementos não-anexáveis à estrutura da sentença raiz” de acordo com o modelo de fonologia prosódica. Desse modo, afirmamos que, do ponto de vista descritivo, as estruturas sintáticas que mobilizam o emprego de vírgula em esquema duplo podem se configurar em frases entoacionais. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que são estruturas sintáticas, são também constituintes prosódicos: são frases entoacionais. Ao longo da análise, essa relação é explicitada. À medida que apresentarmos os exemplos, as frases entoacionais serão indicadas por colchetes seguidos do sinal *I*, símbolo de frase entoacional na referida teoria (NESPOR; VOGEL, 1986, 2007).

Vale ressaltar que, além da caracterização sintática, as frases entoacionais se caracterizam, do ponto de vista fonético-fonológico, pela extensão de um contorno entoacional próprio e suas fronteiras podem ser delimitadas por pausa. Salientamos, no entanto, que a análise prosódica do emprego de vírgulas foi realizada em função da previsibilidade de formação de constituintes prosódicos a partir da sintaxe, como é autorizado pelo modelo de análise proposto por Nespor e Vogel (1986, 2007). Dito de outro modo, a análise não contou com descrição acústica de contornos entoacionais e realização de pausas, pois, além de tal análise fugir do escopo do presente trabalho, a proposta central aqui apresentada focalizou a relação entre estrutura prosódica e estrutura sintática e, para tanto, a previsão da formação de constituintes prosódicos a partir de constituintes sintáticos é o eixo orientador da discussão.

O foco na relação estrutural entre constituinte sintático e constituinte prosódico, no entanto, não exclui a possibilidade de eventuais interpretações hipotéticas sobre a realização de contornos entoacionais e pausas, que podem vir a ser comprovadas ou não por análises fonético-acústicas, mas, como dissemos, essa análise não esteve entre os objetivos do trabalho, inclusive porque, do ponto de vista teórico, assumimos que a relação entre realização fonética e representação escrita não é de natureza espelhada e/ou fiel (cf. a propósito CORRÊA, 2004; SONCIN, 2014).

Antes de passarmos à descrição dos dados, chamamos atenção para o fato de que Nespor e Vogel (1986, 2007) fazem especificações importantes no que diz respeito à configuração das frases entoacionais. Segundo as autoras, embora as frases entoacionais se configurem por meio de determinadas estruturas sintáticas, uma frase entoacional pode ser reestruturada e se agrupar com os segmentos fônicos adjacentes (a) se for de curta extensão; (b) se for pronunciada com alta velocidade ou (c) se a situação de formalidade for menor. Em outros termos, as autoras afirmam que as frases entoacionais podem se reestruturar com base em fatores relacionados a extensão, velocidade de fala e registro. Por fim, as autoras ainda mencionam a tendência de se evitar frases entoacionais muito curtas e caracterizam como um processo recorrente a reestruturação de frases entoacionais menores em frases entoacionais maiores.

Os fatores mencionados pelas autoras como relevantes para a reestruturação se fazem importantes para o presente trabalho, pois elegemos um deles como fator de investigação a fim de testar uma hipótese de pesquisa. Entre os fatores citados que estão envolvidos no fenômeno de reestruturação, privilegiamos o fator *extensão*, não apenas por ser o único fator mensurável nas condições de análise envolvidas neste trabalho – que não contou com análise acústica para, por exemplo, controlar a velocidade de fala –, mas principalmente porque gostaríamos de responder à seguinte pergunta: a extensão dos constituintes prosódicos envolvidos no emprego de vírgula em esquema duplo teria algum papel para a verificação da presença ou da ausência de vírgula nos dados analisados de sujeitos escreventes do Ensino Fundamental? Para tal pergunta, formulamos a seguinte hipótese: a extensão seria um fator que desempenha papel relevante no emprego de vírgulas em esquema duplo para os sujeitos dessa etapa escolar, podendo favorecer ou desfavorecer a presença da vírgula.

Assim, de modo a criar meios de mensurar o efeito da extensão, o tamanho das estruturas envolvidas no emprego de vírgula em esquema duplo na amostra analisada foi aferido por meio da contagem de sílabas. Estabeleceram-se quatro níveis: até duas sílabas, de três a cinco sílabas, de seis a oito sílabas e mais de oito sílabas.

A Tabela 3 mostra a quantidade de sílabas contabilizada nas diferentes estruturas:

Tabela 3 – Estruturas sintáticas e número de sílabas.

Estrutura Sintática	Número de sílabas	Frequência/Quantidade
Conjunção intercalada	Até 2 sílabas	53,3% (8)
	De 3 a 5 sílabas	46,7% (7)
	De 6 a 8 sílabas	0
	Mais de 8	0
Elemento Extraoracional	Até 2 sílabas	77,8% (14)
	De 3 a 5 sílabas	22,2% (4)
	De 6 a 8 sílabas	0
	Mais de 8	0
Oração intercalada	Até 2 sílabas	0
	De 3 a 5 sílabas	16,7% (1)
	De 6 a 8 sílabas	50% (3)
	Mais de 8	33,3% (2)
Oração adjetiva explicativa	Até 2 sílabas	0
	De 3 a 5 sílabas	16,7% (2)
	De 6 a 8 sílabas	33,3% (4)
	Mais de 8	50% (6)
Aposto ou elemento explicativo	Até 2 sílabas	0
	De 3 a 5 sílabas	36,8% (7)
	De 6 a 8 sílabas	31,6% (6)
	Mais de 8	31,6% (6)
Vocativo	Até 2 sílabas	61,5% (8)
	De 3 a 5 sílabas	38,5% (5)
	De 6 a 8 sílabas	0
	Mais de 8	0
Oração adverbial deslocada	Até 2 sílabas	Não contabilizado
	De 3 a 5 sílabas	19% (22)
	De 6 a 8 sílabas	29,3% (34)
	Mais de 8	51,7% (60)
Adjunto adverbial deslocado	Até 2 sílabas	Não contabilizado
	De 3 a 5 sílabas	60,7% (54)
	De 6 a 8 sílabas	27% (24)
	Mais de 8	12,3% (11)

Fonte: elaborada pelas autoras.

Referente à Tabela 3, chamamos a atenção, de início, para a quantidade de sílabas envolvidas em conjunções intercaladas e em elementos extraoracionais. Na amostra analisada, essas estruturas caracterizaram-se predominantemente pela

pequena extensão, sendo compostas por, no máximo, 2 sílabas (53,3% para as conjunções e 77,8% para os elementos extraoracionais). Ademais, em relação a ambas, não houve ocorrências acima de 5 sílabas.

Ao compararmos os resultados referentes à conjunção intercalada e ao elemento extraoracional, explicitados na Tabela 3, com os resultados da Tabela 2, pode-se verificar uma possível relação entre a quantidade de sílabas e a ausência de emprego de vírgulas em esquema duplo nessas estruturas. A predominância da categoria Ausência-Ausência, mostrada na Tabela 2, pode ser motivada pela pequena extensão dessas estruturas, verificada por meio da contagem das sílabas. Tem-se, pois, uma regularidade prosódica – pequena extensão de frases entoacionais – relacionada à ausência de vírgulas em conjunção intercalada e elemento extraoracional.

A fim de explorar essa regularidade, consideremos as ocorrências (17) e (18), que exemplificam conjunções intercaladas e elementos extraoracionais nos textos analisados, respectivamente:

(17) Ana *intão* decidiu dar uma lição no seu tio (Z11_8C_28F_04_34)

(18) Eu *por exemplo* só fico com uma pessoa se gosto dela (Z10_7B_62F_05_04)

Em análise prosódica, (17) e (18) são exemplos que permitem verificar como a reestruturação de frases entoacionais poderia identificar uma possibilidade de organização prosódica para os casos de construções que envolvam conjunções e elementos extraoracionais de pequena extensão.

Em (17), a conjunção intercalada *intão* constituiria, a princípio, uma frase entoacional independente por se tratar de um elemento não anexado à estrutura da sentença raiz. Assim, a sentença seria composta por 3 frases entoacionais:

(19) [Ana] I [*intão*] I [decidiu dar uma lição no seu tio] I

Entretanto, considerando que a conjunção intercalada se caracteriza por pequena extensão por apresentar pouca quantidade de material fônico – apenas 2 sílabas –, atende-se a uma das condições de reestruturação de frases entoacionais, relativa à pequena extensão, fato que pode permitir que a conjunção “então” se anexe ao material fônico na cadeia segmental da qual faz parte, formando uma única frase entoacional, como em (19’), com um único contorno de entoação e sem fronteiras prosódicas internas à sentença:

(19’) [Ana *intão* decidiu dar uma lição no seu tio] I

Processo similar pode ser considerado para o caso da ocorrência apresentada em (18). A predominância da ausência total de vírgula para a conjunção intercalada e para o elemento extraoracional, portanto, parece-nos ser motivada por questões fonológicas, tais como a reestruturação de frases entoacionais.

Retomando os dados da Tabela 3, chamamos a atenção, em seguida, para as orações intercaladas. Sua extensão foi maior em relação às conjunções intercaladas e aos elementos extraoracionais, tendo em vista que 50% dos dados de oração intercalada envolveram de 6 a 8 sílabas e 33,3%, mais de 8 sílabas. Ao compararmos a quantidade de sílabas para essa estrutura sintática e a categoria mais recorrente no emprego de vírgulas, contida na Tabela 2, percebemos que a predominância da categoria Presença-Presença pode ser motivada também pela extensão dos constituintes. O exemplo (20), a seguir, ilustra o funcionamento dessa estrutura nas ocorrências encontradas:

(20) Com essa merda do fumo, *vamos dizer assim*, pessoas morrem com câncer de pulmão (Z11_8A_02M_06_03)

(20’) [Com essa merda do fumo]I [*vamos dizer assim*]I [pessoas morrem com câncer de pulmão]I

A oração intercalada destacada é composta por 6 sílabas, ou seja, sua extensão é maior do que a extensão média de conjunções e elementos extraoracionais, o que facilita a identificação de fronteiras de frases entoacionais e de posições prováveis para a produção de pausas combinadas à delimitação de contornos de entoação diferentes. Como consequência, essa combinação de fatores favorece o emprego de vírgulas. Notou-se, então, um fator fonológico atuando favoravelmente para que o escrevente utilizasse as vírgulas, o que corrobora o percentual de 83,4% de emprego de vírgulas nas duas posições previstas pela convenção para essa estrutura. Assim, ao contrário do que ocorre com a conjunção intercalada e com o elemento extraoracional – em que a extensão menor da estrutura favorece a ausência do emprego de vírgulas –, no caso da oração intercalada, a extensão maior da frase entoacional favorece a presença, ou seja, tende a mobilizar o emprego de vírgulas.

No caso da oração intercalada, particularmente, soma-se à regularidade fonológica sua característica sintático-semântica, na medida em que esse tipo de oração caracteriza-se por uma quebra sintática perceptível para o escrevente, à qual já nos referimos anteriormente. Em (20), a sentença *vamos dizer assim* está em um plano diferente do plano da sentença raiz, pois atua no plano do discurso, na modalização do enunciado. Trata-se de uma oração inserida que não estabelece relação direta com a predicação construída na sentença raiz. Tendo em vista a frequente marcação com vírgulas nesse tipo de estrutura nos textos analisados, interpretamos que provavelmente o sujeito escrevente perceba esse funcionamento típico de uma oração intercalada.

No que diz respeito à extensão das ocorrências com oração adjetiva explicativa, apresentada na Tabela 3, o fato de 50% dos dados terem sido compostos por mais de 8 sílabas permite relacionar a extensão das estruturas e a alta frequência de uso de vírgulas para as orações adjetivas explicativas. Retomando a Tabela 2, 58,3% desse tipo de estrutura sintática foi marcada por vírgulas, sendo 33,3% marcada por meio da

presença da vírgula nas duas posições e 25% marcada com vírgula apenas na segunda posição. A grande extensão das orações encontradas no *corpus* pode ser considerada como fator que favorece o uso da vírgula pelos sujeitos escreventes, além de se considerar que os mesmos sujeitos pareceram mais sensíveis à delimitação de estruturas explicativas, como explorado anteriormente.

A mesma relação observada para as adjetivas explicativas foi observada nos dados com aposto. Segundo a Tabela 3, mais de 60% dos dados de aposto contou com mais de 6 sílabas. Portanto, se compararmos a alta frequência de emprego de vírgula nas duas posições previstas, 57,9% (ver Tabela 2), também no caso dos apostos, parece haver um reconhecimento por parte dos escreventes acerca do funcionamento de uma estrutura explicativa, bem como um reconhecimento da necessidade de emprego de vírgula devido à maior extensão dessas estruturas. Portanto, também no caso dos apostos, além do reconhecimento por parte dos escreventes do funcionamento de uma estrutura explicativa, conta a extensão das estruturas mobilizadas para o emprego de vírgulas em ambas as posições: que obteve a alta frequência relativa de 57,9% (conferir tabela 2).

As ocorrências (21) e (22) apresentam exemplos de emprego de ambas as vírgulas em oração adjetiva explicativa e aposto, respectivamente.

(21) Quando criança uma menina linda, *chamada Ana*, adora dançar, podia ser a musica que fosse (Z11_8C_28F_04_01)

(21') [Quando criança]I [uma menina linda]I [*chamada Ana*]I [adora dançar, podia ser a musica que fosse]I

(22) Notou que era Hortiz, *o maior bandido da cidade*, que havia acabado de sair da masmorra (Z11_8B_62F_04_15-16)

(22') [Notou que era Hortiz]I [*o maior bandido da cidade*]I [que havia acabado de sair da masmorra]I

Por meio desses exemplos e dos demais apresentados, bem como da orientação de leitura comparada entre as tabelas 2 e 3, procuramos demonstrar que, do ponto de vista prosódico, a extensão de uma frase entoacional – a qual foi medida aqui pela quantidade de sílabas – é um fator relevante que pode favorecer ou desfavorecer o emprego de vírgula. Em resumo, essa relação ficou demonstrada: (i) por um lado, pela pequena extensão de frases entoacionais configuradas sintaticamente a partir de conjunções intercaladas e elementos extraoracionais, que desfavoreceu o emprego de vírgulas nas duas posições, devido à possibilidade de reestruturação prosódica; e (2) por outro lado, pela grande extensão de frases entoacionais configuradas sintaticamente a partir de orações intercaladas, orações adjetivas explicativas e apostos, que favoreceu o emprego de vírgulas nas duas posições. Em outras palavras, poderíamos dizer que, se a partir do constituinte sintático se forma uma frase entoacional de extensão razoável, com número de sílabas igual ou maior a seis, temos um constituinte prosódico de maior peso fonológico, cuja maior facilidade de percepção da parte do escrevente levaria ao emprego de vírgula. Explicita-se aqui que essa percepção se daria pelo reconhecimento de limites ou fronteiras desses constituintes por meio da projeção de contornos entoacionais e acentos e, possivelmente, de pausas. Segundo a perspectiva de escrita que adotamos, todo escrevente é também constituído por práticas de oralidade e, assim, ao longo de seu processo de escrita, faz movimentos de aproximação e distanciamento, em diferentes e incontáveis momentos, com aspectos que caracterizam os enunciados falados. Desse modo, aspectos prosódicos como a segmentação do enunciado em frases entoacionais de diferentes tamanhos que são delimitadas por contornos e acentos, por exemplo – para destacar apenas um dos aspectos envolvidos no processo de produção verbal – compõem todo e qualquer processo de escrita e não só estão disponíveis ao sujeito escrevente durante o processo de produção de seus enunciados escritos, como também o constituem como sujeito da linguagem.

O papel desempenhado pela prosódia no emprego de vírgulas, inclusive, pode ser observado por meio de outro viés além daquele que já apresentamos em relação à

extensão: trata-se da tendência de se empregar a vírgula na segunda posição quando apenas uma vírgula é empregada. Ou seja, nos casos em que a vírgula é empregada apenas uma vez, embora a convenção recomende o uso duplo, tende-se a empregar a segunda vírgula (mais à direita) e não a primeira (mais à esquerda) em diferentes estruturas: nas categorias aqui empregadas equivale à maior frequência de Ausência- Presença em relação à Presença-Ausência.

Se voltarmos à Tabela 2 e observarmos apenas as colunas referentes aos percentuais de Ausência-Presença e Presença-Ausência, veremos que o percentual de Ausência-Presença é maior para oito dos cinco contextos sintáticos analisados. São eles: oração adverbial deslocada, elemento extraoracional, vocativo, oração adjetiva explicativa e oração intercalada. Essa tendência pode ser explicada prosodicamente se considerarmos que o acento mais proeminente de uma frase entoacional é aquele mais à direita devido à recursividade sintática do português. Em outras palavras, a maior frequência de vírgula na segunda posição pode ser explicada pela recursividade sintática à direita do Português Brasileiro, que se traduz, no plano prosódico, na maior saliência do acento mais à direita de uma frase entoacional (cf. a esse respeito, FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007). Considerando esse dado sobre a descrição prosódica do português, a percepção do acento mais saliente de uma frase entoacional por meio da projeção de um contorno entoacional resulta na percepção da sua fronteira direita. Assim, tanto a recursividade do português quanto suas consequências para a prosódia se mostram informações relevantes para o ato de pontuar. Os exemplos a seguir ilustram o emprego de vírgula apenas na segunda posição em diferentes estruturas sintáticas na amostra analisada:

(23) chegaram em Leandro e falarão para ele pegar o trono do rei *que já tinha morrido a muito tempo*, e Leandro aceitou na hora não pensou em mais nada (Z11_8A_37F_04_16-17)

(23') [chegaram em Leandro e falarão para ele pegar o trono do rei]I [*que já tinha morrido a muito tempo*]I [e Leandro aceitou na hora]I [não pensou em mais nada]I

(24) Olá *garota*, tudo bem (Z11_8E_13F_04_11)

(24') [Olá]I [*garota*,]I [tudo bem]I

(25) Até que um dia *de tanto caminhar sem rumo*, ela ficou muito fraca (Z11_8E_13F_04_06)

(25') [Até que um dia]I [*de tanto caminhar sem rumo*]I [ela ficou muito fraca]I

A fim de sistematizar as discussões apresentadas nesta seção, elaboramos um quadro síntese que reúne os elementos a partir dos quais observamos como a interação entre estrutura sintática e organização prosódica resulta em determinados modos de empregar a vírgula. No quadro, apresentado a seguir, relacionamos o tipo de estrutura sintática à tendência observada no âmbito prosódico para cada estrutura e, ainda, o resultado de tal relação para o emprego de vírgula.

Quadro 2 – Quadro Síntese dos resultados.

Estrutura sintática	Aspecto prosódico relacionado	Tendência de uso de vírgula	Exemplo
Elemento extraoracional	Pequena extensão: predominância de elementos com até 2 sílabas	Ausência-Ausência	“Mas <i>olha</i> se não der certo de comprar tudo bem”
Conjunção intercalada	Pequena extensão: predominância de elementos com até 2 sílabas	Ausência-Ausência	“Soube <i>então</i> que o presidente dessa cidadezinha distante tinha mania de médico”
Oração intercalada	Extensão longa: predominância de elementos com mais 6 sílabas	Presença-Presença	“Na madrugada do 2º dia, <i>converça vai converça</i> vem, acabaram ficando”
Aposto ou elemento explicativo	Extensão longa: predominância de elementos com mais de 6 sílabas	Presença-Presença	“disse que era tio dela, <i>irmão de seu pai</i> , a reconheceu por uma foto de quando era piquena”.
Oração adjetiva explicativa	Extensão longa: predominância de elementos com mais de 8 sílabas	Presença-Presença	“O cigarro faz mal mesmo a saúde, e mal ao fumante passivo, <i>que é aquele que não fuma</i> , mais fica no local, respirando a fumaça”
Oração adverbial deslocada Oração adjetiva explicativa Oração intercalada Elemento extraoracional Vocativo	Proeminência do acento mais à direita de uma frase entoacional	Ausência-Presença	“Até que um dia <i>de tanto caminhar sem rumo</i> , ela ficou muito fraca”

Fonte: elaborada pelas autoras.

Diante do conjunto que expusemos em relação à constituição prosódica dos usos de vírgula, em síntese, procuramos defender que a dimensão prosódica, ao dialogar com a sintaxe, contribui para a identificação das estruturas hierarquizadas, assinaladas pelo uso da vírgula em esquema duplo: acreditamos que esse apontamento é útil às questões relacionadas ao ensino da pontuação, em especial para as estruturas que provocam maior dificuldade aos estudantes para identificação da hierarquização, como é o caso especialmente dos adverbiais.

5. Considerações finais

Tendo finalizado o percurso de análise que propusemos, acreditamos ter mostrado, por meio da relação entre estrutura sintática e organização prosódica, que o presente estudo aponta para a complexidade envolvida no emprego de vírgula em esquema duplo e evidencia regularidades linguísticas que estão subjacentes a uma flutuação nos textos escolares, ou seja, pode-se perceber a existência de regularidades linguísticas, tanto sintáticas quanto prosódicas, favorecendo ou não o emprego de vírgula, pois são muitas as forças atuantes no emprego desse sinal. Assim, percebe-se que as flutuações encontradas nos textos analisados não se dão de modo aleatório e não são um problema de “incapacidade” ou desentendimento da parte dos escreventes. Ao contrário, procuramos evidenciar que existem fatos linguísticos de diferentes domínios atuando no ato de pontuar com as vírgulas em esquema duplo. A flutuação dos dados, nesse modo de compreender, pode, na verdade, apontar para uma incongruência entre o modo de ensinar pontuação, com base em regras isoladas e muitas vezes incompreensíveis, e o uso efetivo da pontuação na produção escrita, no qual diferentes informações linguísticas atuam.

De modo especial, uma vez que a hipótese que testamos aqui foi confirmada – relembremos: trata-se da hipótese de que a extensão seria um dos fatores prosódicos que desempenha papel relevante para o emprego de vírgulas, podendo favorecer ou não sua presença –, podemos perceber que, durante o processo de escrita, informações

de ordem prosódica, ao lado de informações sintáticas, são relevantes para guiar o emprego de vírgulas. Diante desse contexto, defendemos a necessidade de se trabalhar aspectos além da sintaxe no ensino da pontuação, mais especificamente da vírgula, a fim de evidenciar a multidimensionalidade da escrita e a sua constituição heterogênea. Nesse sentido, o presente trabalho corrobora a noção do ritmo multidimensional da escrita, proposta por Chacon (1998), segundo a qual os sinais de pontuação delimitam estruturas relacionadas a diversas dimensões da linguagem, e não apenas à dimensão sintática, a qual geralmente tem sido privilegiada no contexto escolar. Desse modo, por meio dos resultados apresentados, reforçamos a necessidade de se considerar no ensino da pontuação outros aspectos além da sintaxe e, especialmente, aqui demonstramos a interação que a prosódia estabelece com a sintaxe no emprego de vírgulas, seja pela extensão, seja pela noção de recursividade que deixa mais proeminentes os acentos mais à direita em uma frase entoacional.

Portanto, por meio da interação sintaxe-prosódia que demonstramos aqui, mas – como dissemos – que fazem parte de um todo mais complexo e multidimensional, reiteramos as palavras de Chacon (1998) e registramos nosso desejo que elas cheguem ao ensino da pontuação: “nenhuma das dimensões linguísticas pode requerer para si o fornecimento exclusivo de normas para o emprego da pontuação” (CHACON, 1998, p. 197).

Referências Bibliográficas

ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. **Usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos de quinta série/sesto ano do ensino fundamental**. São José do Rio Preto: 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

BORGES, C. P. **Pontuação no segundo ciclo do Ensino Fundamental**: sobre o ensino do emprego de vírgula. São José do Rio Preto, 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: 1997.

CAGLIARI, L. C. Breve história dos sinais de pontuação. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L.C. **Diante das Letras. A escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras, 1999, p. 197-207.

CHACON, L. A pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem. **Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA)**. São Paulo, v. 13, n. 1, 1997, p. 1-16.

_____. **Ritmo da Escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Oralidade e letramento na aquisição da pontuação. **Revista Letras**, v. 61, 2003, p. 97-122.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Pontuação: sobre seu ensino e concepção. **Leitura: teoria & prática**. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil. Campinas, n. 13, 1994, p. 52-65.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ed. Ver. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

DAHLET, V. A. **As (man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

ESVAEL, E. V. da S. **Pontuação na escrita de universitários: a função enunciativa da vírgula**. São Paulo: 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) . Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, F. R. **Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia**. Campinas: 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FROTA, S.; M. VIGÁRIO. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, 2000, p. 533-555.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

_____. **Prosodic Phonology**: with a new foreword. Berlim: Walter de Gruyter, 2007.
<https://doi.org/10.1515/9783110977790>

ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. **Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA)**, São Paulo, v. 13, n. 1, 1997, p. 87-117.

RODRIGUES, A. A. Usos de vírgula em esquema duplo: sobre estruturas linguísticas envolvidas e sua manifestação discursiva em textos escolares. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 473-495, 2017.

SILVA, A. A aprendizagem da pontuação por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma análise a partir da produção de diferentes gêneros textuais. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 35, 2010, p. 139-169.

SILVA, A.; MORAIS, A. G. Pontuação e gêneros textuais: uma análise das produções escritas de alunos da escola pública. **Língua escrita**, Belo Horizonte, n. 1, 2007, p. 61-76.

SONCIN, G. C. N. Usos da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 9, n. 1, 2010, p. 73-89.

_____. **Língua, discurso e prosódia**: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!. São José do Rio Preto, 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

SONCIN, G. Por uma organização prosódica dos usos não-convencionais da vírgula em esquema duplo. **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

_____. Divisão Enunciativa do/no sujeito: evidências a partir da observação dos usos não-convencionais de vírgula. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 15, v. 1, 2013, p. 101-126. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v15i1p101-126>

SONCIN, G.; TENANI, L. E. Relações entre emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 18, 2015, p. 305-326.

_____. Evidence of the role of prosody in argumentative writing: Comma use in texts written by Brazilian students aged 11–14. **Writing and pedagogy**, Equinox Publishing, n. 9, v. 1, 2017, p. 77-101.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

TENANI, L. **Banco de dados de escrita do Ensino Fundamental II**. Disponível em <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em 13/05/2017.

Artigo recebido em: 29.11.2017

Artigo aprovado em: 15.05.2018